

HAHAHAHA



HAHAHAHA

*Flavia Vieira Brioschi*





**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**

“Julio de Mesquita Filho”  
Instituto de Artes - Campus São Paulo

FLÁVIA VIEIRA BRIOSCHI

HAHAHAHAHA!!!  
*desenho, humor e furrries*

São Paulo 2023



FLAVIA VIEIRA BRIOSCHI

HAHAHAHAHA!!!  
*desenho, humor e furrries*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (Unesp)  
como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Pedrosa

São Paulo 2023

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do  
Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

---

B858h Brioschi, Flavia Vieira, 2001-

Hahahaha!!!! : desenho, humor e furries / Flavia Vieira Brioschi. -- São Paulo,  
2023.

100 f. : il. color.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renata Pedrosa.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Visuais) –  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Artes - Narrativas pessoais. 2. Criação (Literária, artística, etc.) -  
Narrativas pessoais. 3. Desenho. 4. Performance (Arte). 5. Humorismo. I.  
Pedrosa, Renata. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III.  
Título.

CDD 709.05

---

Bibliotecária responsável: Luciana Corts Mendes - CRB/8 10531

FLAVIA VIEIRA BRIOSCHI

HAHAHAHAHA!!!  
*desenho, humor e furries*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da  
Universidade Estadual Paulista (Unesp) como requisito parcial para a obtenção do  
título de Bacharel em Artes Visuais.

27/11/2023

---

Profa. Dra. Renata Pedrosa  
Orientadora Instituto de Artes UNESP

---

Adalgisa Campos  
Mestre em Artes - IA UNICAMP



## *agradecimentos*

Gostaria de agradecer meus amigos por me apoiarem e inspirarem sempre.

Agradeço à minha mãe, que me auxiliou na diagramação deste trabalho e me aconselhou na reta final deste processo, e à meu pai e meu irmão, que me auxiliaram no registro de alguns trabalhos.

Agradeço muito a orientação da professora Renata Pedrosa, que sempre me deu força e confiança após nossos encontros.

Agradeço a Adalgisa Campos por me mostrar que as possibilidades do desenho e das artes visuais são infinitas, me ajudando a ver que é isso mesmo que eu quero fazer.

Por fim, agradeço todos os furries, que escolhem existir para além do que é considerado humano, por compartilhar suas perversidades e visão artística com o mundo.





## ***resumo***

Este trabalho apresenta algumas reflexões sobre minha produção, com um enfoque em desenho, humor na arte e performance furry. Estes temas surgiram à medida que fui me aprofundando, ao longo da pesquisa, na minha produção plástica e nos meus interesses pessoais, que serviram como ferramentas para articular pontos importantes de meu processo artístico e que tento elaborar e descrever ao longo do texto.

palavras chave: desenho; humor; furry; performance; processo criativo



## *abstract*

This work presents some reflections on my production, with a focus on drawing, humor in art and furry performance. These themes emerged as I delved deeper in research, into my creative work and personal interests, which served as tools to articulate important points of my artistic process, which I try to elaborate and describe throughout the text.

keywords: drawing; humor; furry; performance; creative process



## *sumário*

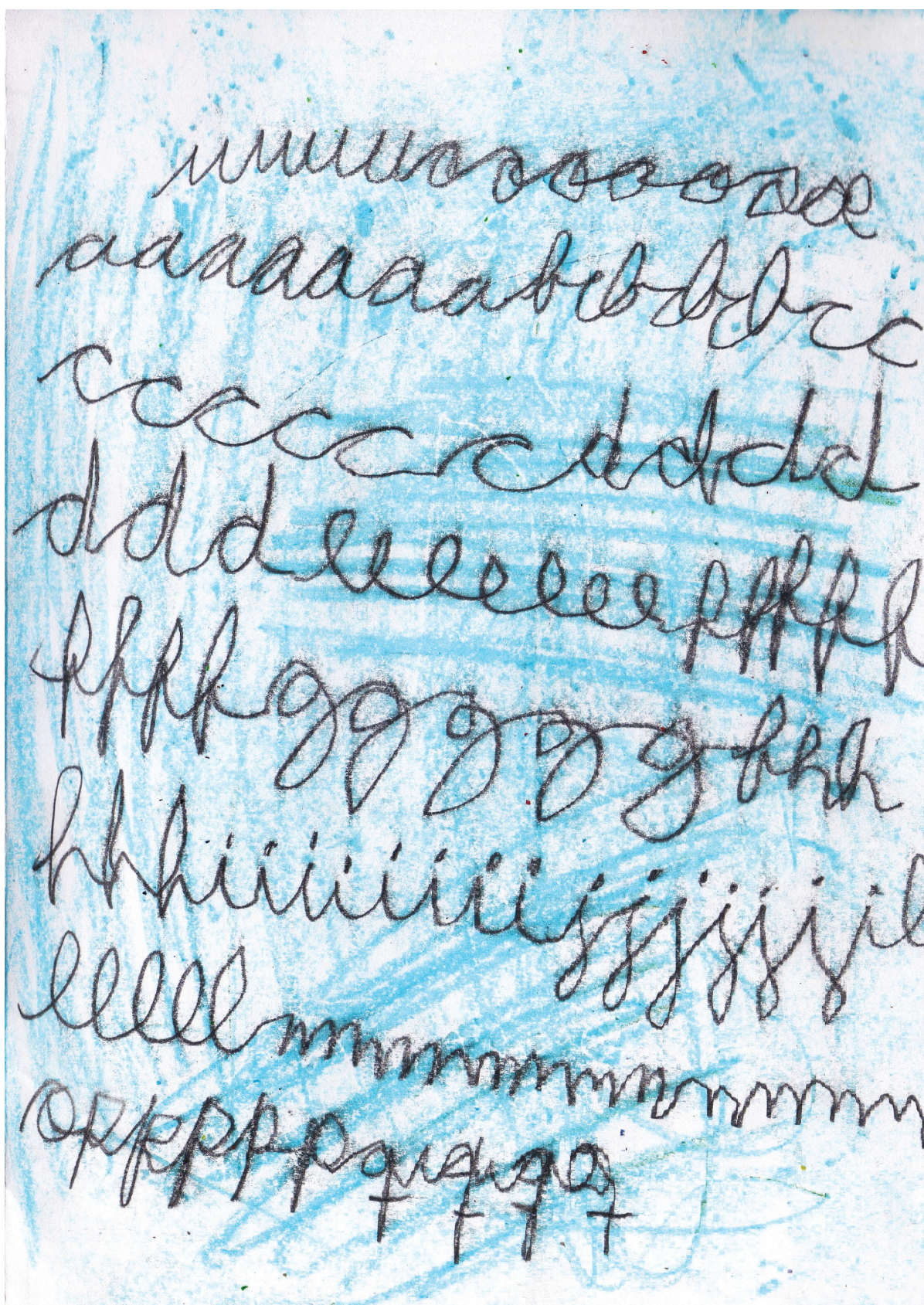
|                                    |    |
|------------------------------------|----|
| 1. Introdução.....                 | 17 |
| 2. Desenho.....                    | 21 |
| 3. Hahahahaha!!!.....              | 53 |
| 4. Formas de formas de bichos..... | 73 |
| 5. Considerações Finais.....       | 93 |
| Referências.....                   | 97 |



## ***1. introdução***



Imagem 1 - Garatuja, 2021, giz de cera e lápis grafite sobre papel, 15x21cm





No presente trabalho escolhi me aprofundar nos assuntos que já vinha pesquisando através de minha prática nos últimos anos, buscando entender melhor minha produção e postura frente ao fazer artístico. Esses interesses se consolidaram em três temas principais: desenho, humor e furies, o que me levou a estruturar meu texto em três capítulos, intitulados, respectivamente: Desenho, Hahahahaha!!! e Formas de formas de bichos.

Pareceu imprescindível tomar o desenho como ponto de partida, dada a sua importância na minha formação como artista e sua presença constante ao longo da minha vida. Textos como “On Drawing” de Amy Sillman e “Confissão Criativa” de Paul Klee me auxiliaram a expandir meu entendimento desta prática.

Encontrei nos textos de Georges Bataille que discorrem a respeito do riso um modo de elaborar sobre como o cômico mexe tanto comigo, e porque busco valorizar sua presença nas artes plásticas.

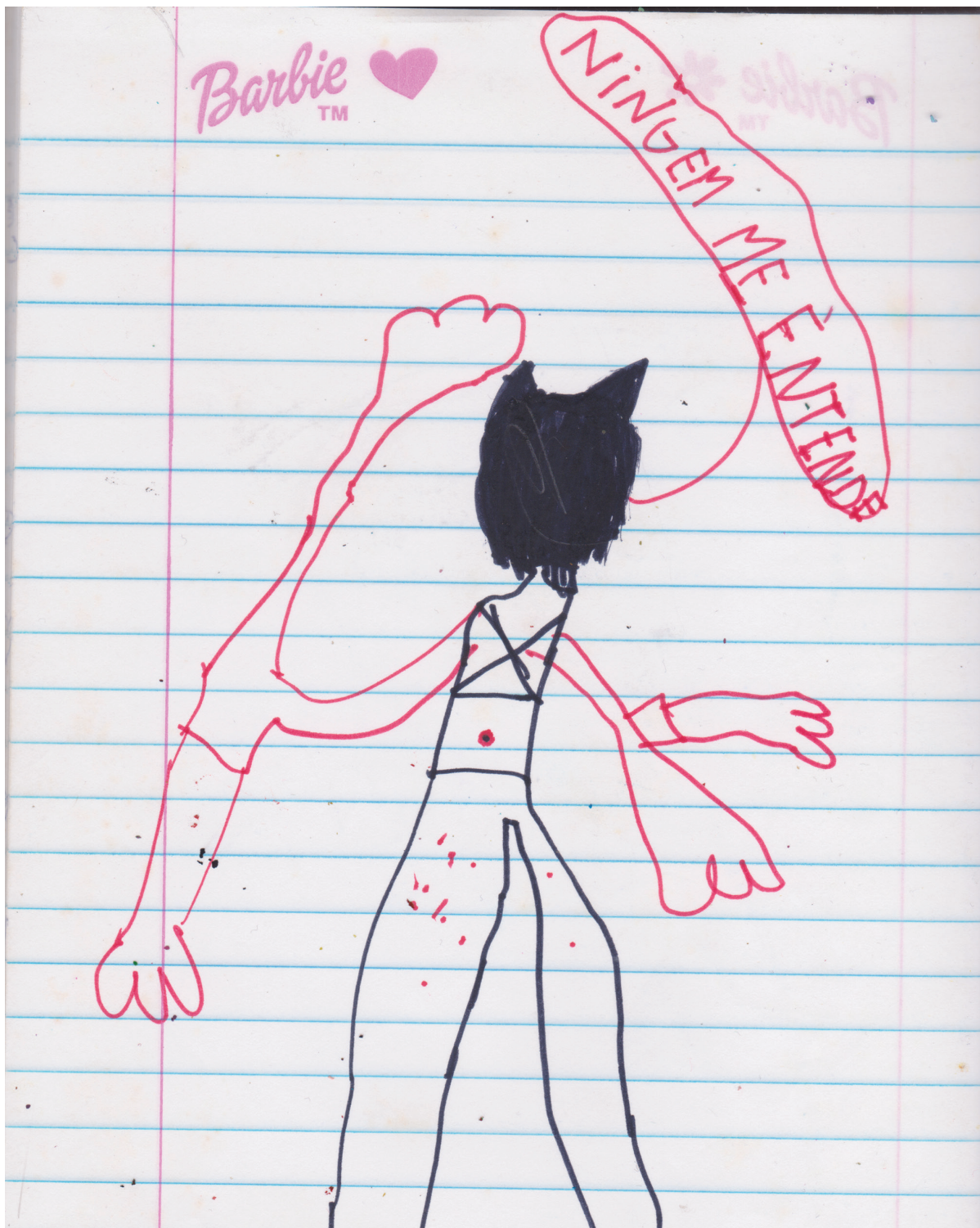
Não existe uma bibliografia extensa sobre arte furry quanto há de outros temas mencionados aqui, sendo assim, considero essencial escrever sobre este aspecto do meu trabalho, discorrendo sobre a criação e uso de fursuits dentro de um contexto artístico contemporâneo.

A união desses três temas ocorre em minha produção, ilustrada em diversas imagens ao longo do texto.



## ***2. desenho***

Imagem 2 - Desenho infantil, 2006



Fonte: Elaborado pelo autor

Quando me perguntam quando comecei a desenhar, eu sempre respondo que eu só nunca parei. Todos desenhamos em nossa infância, e parece que paramos quando isso se torna uma tarefa enfadonha, quando a pressão de reproduzir fielmente ultrapassa o prazer que sentíamos ao rabiscar e observar. Os motivos pelo qual eu desenhava e continuo desenhando parecem ser os mesmos, é divertido e eu gosto. Gosto de riscar uma superfície e ver o que acontece, as linhas delimitando formas que puxam outras formas, a mão sai passeando junto com os olhos e a cabeça tenta acompanhar. É estimulante, viciante, traz uma espécie de escapismo abstrato, tensão de fazer algo que você não sabe ainda o que vai ser. E eu nunca sei o que vai ser. O desenho se torna ainda mais necessário a partir de meus anos adolescentes, o tipo de desenho que você faz enquanto fala no telefone, ou no caso enquanto escuta aulas de matemática ou geografia, dominava meus dias, era compulsivo, sentia que não conseguia pensar sem ao mesmo tempo rabiscar. E eu ainda não sinto. Procuro então me debruçar primeiro sobre a questão do desenho e a importância dele em minha formação como artista, entre outras coisinhas e obsessões que surgem pelo caminho.



*Imagem 3 - Páginas de cadernos adolescentes, 2018*



*Fonte: Elaborado pelo autor*







Existe algo de casual sobre o desenho, um meio que pode ser realizado com ferramentas baratas, e que não precisa ser levado tão a sério quanto, por exemplo, uma pintura. Esse descaso é na verdade uma de suas forças, permitindo um grau maior de liberdade e desprendimento de normas das artes plásticas: posso fazer o que quiser! é só um desenho! É possível desenhar em uma variedade insana de superfícies e com qualquer material que deixe uma marca, assim o desenho se expande rabiscando em todo tipo de obra de arte. Sua aparente simplicidade o permite ser realizado em meio a múltiplos estímulos do olhar, do corpo e do agir, da reação da matéria trabalhada com sua mão, sua mão com o resto do seu corpo, sua coluna, o que surge na página e tudo que consegue ver além dela. O desenho floresce de situações onde é necessário pensar não só com a mente mas com o corpo (principalmente com o corpo). Esse pensamento a partir do sentir não é o mais valorizado academicamente, e a lógica iluminista da mente racional acima de tudo ainda é bastante presente em nossas vidas. Nesse contexto, o desenho traz uma valorização do improvisado, do imediato e irracional, que transpira para minha visão de arte e mundo no geral.

*Imagem 4 e 5 - Desenhos no ateliê do IA-UNESP, 2023*



*Fonte: Elaborado pelo autor*



*Imagem 6 - Pikachu's mind palace, 2022, tinta acrílica, giz de cera e caneta esferográfica sobre papel, 15x21cm*



*Fonte: Elaborado pelo autor*



Imagem 7 - It doesn't hurt me, 2023, giz pastel, giz de cera e lápis grafite sobre papel, 15x21cm



Fonte: Elaborado pelo autor



*Imagem 8 - Desenho sem título, 2023, giz pastel e caneta hidrográfica sobre papel, 21x29,7cm*



*Fonte: Elaborado pelo autor*

Sobre o tempo do desenho, não só ele é ágil, mas também macarrônico e confuso. Ele se desdobra enquanto as formas se delineiam, tentando ver o passado das linhas que já foram e o futuro do que está por vir, assim como o que transpassa no momento. Inicia-se um jogo onde tento adivinhar para onde minhas mãos estão me levando, sigo as dicas e me deixo levar em um emaranhado de tempo/espço sempre em movimento. As artes espaciais são sempre também artes do tempo, leva tempo para um ponto se tornar uma linha, se tornar outras linhas e assim em diante, e o desenho parece especialmente equipado para transparecer a passagem do tempo em sua superfície de forma quase narrativa, nos convidando a imaginar o que veio antes ou depois, sem tentar esconder esses vestígios. É um meio relacionado com a captura de um momento específico no tempo, mas dentro deste ponto no cosmo podemos perceber temporalidades múltiplas que levaram a imagem final.



Imagem 9 - Díptico  
Irmões, 2023, giz  
pastel, lápis grafite,  
tinta guache e lápis  
de cor sobre papel,  
21x29,7cm



Fonte:  
Elaborado pelo autor



*Imagem 10 - Díptico  
Bebzuto, 2022, giz  
pastel, lápis grafite,  
tinta guache e acrílica  
sobre papel, dois  
desenhos de 15x21cm*



*Fonte:  
Elaborado pelo autor*



Nesta simbiose mão/mente/olho, as linhas e formas desenhadas se tornam como uma extensão de nossos corpos, afetadas obviamente por gestos realizados por nossos braços e mãos, mas também pelo modo como carregamos nosso corpo inteiro, se estamos de pé ou sentados, Como estamos sentados, se estamos com dor de barriga ou coceira no nariz. Isto se torna claro se desenharmos de formas não usuais como com a mão não-dominante, com o pé ou pendurado do teto, mas esta relação direta também pode ser observada quando desenhamos da forma por vezes restritiva que nos é comum, através das sutilezas de movimento da própria mão, assim como todos os movimentos internos realizados constantemente em nossos corpos, como respiração, batimentos cardíacos e contrações estomacais, que incessantemente trabalham para que possamos gastar nossa energia com o desenho.

*Imagem 11 - Sim1, 2023, giz pastel sobre papel, 21x29,7cm*



*Fonte: Elaborado pelo autor*



*Imagem 12 - Sim2, 2023, giz pastel sobre papel, 21x29,7cm*



*Fonte: Elaborado pelo autor*



*Imagem 13 - Não, 2023, giz pastel sobre papel, 21x29,7cm*



*Fonte: Elaborado pelo autor*



*Imagem 14 - Muppet azul, 2023, giz de cera sobre papel, 21x29,7cm*



*Fonte: Elaborado pelo autor*

A pulsão obsessiva em relação ao desenho, mencionada no começo deste texto, funciona em direta relação com essas funções corpóreas automáticas, como uma forma de “digerir” o mundo, assim como nossa barriga digere alimento, um esforço constante de mastigar e regurgitar as experiências sensoriais que nos atingem, transformando-as em imagens. Porém, essas imagens não são necessariamente mais compreensivas do que a massa de estímulos que estamos manejando, este não é um processo que visa resultados transformativos, apesar de buscar algum tipo de entendimento; o propósito da máquina desenhista é a própria perpetuação de seu movimento, desenhar, desenhar, desenhar.

Importante frisar que o desenho, ao qual me refiro, não é relevante por compor parte do processo de uma obra final, maior e mais digna. Me refiro a um desenho autossuficiente enquanto obra e processo, pois não me interessa a colocação do desenhar como peça de um quebra cabeça, nem mesmo as tentativas de exaltá-lo enquanto tal, o que inevitavelmente acaba por subjugar-lo em relação a pintura ou a arquitetura ou a escultura. De fato, o ato de desenhar tem imensa capacidade de organizar e esquematizar, com suas linhas e pontos, abstraindo o real e deixando em seu lugar apenas o essencial que precisa ser explanado. Mas este papel objetivo, por vezes pragmático, é apenas uma pequena parcela de inúmeras maneiras de desenhar e sentir desenho, fora da vontade de comunicar algo compreensível. Villanova Artigas em seu ensaio *O Desenho*, o definindo como uma junção de linguagem visual técnica e projeção mental/espiritual, afirma: “*Como se viu, ninguém desenha pelo desenho.*” (ARTIGAS, 1967) Como se viu, desenha-se sim.



Imagem 15 - Colagem de imagens para serem digeridas, coletadas navegando na internet



Fonte: Elaborado pelo autor



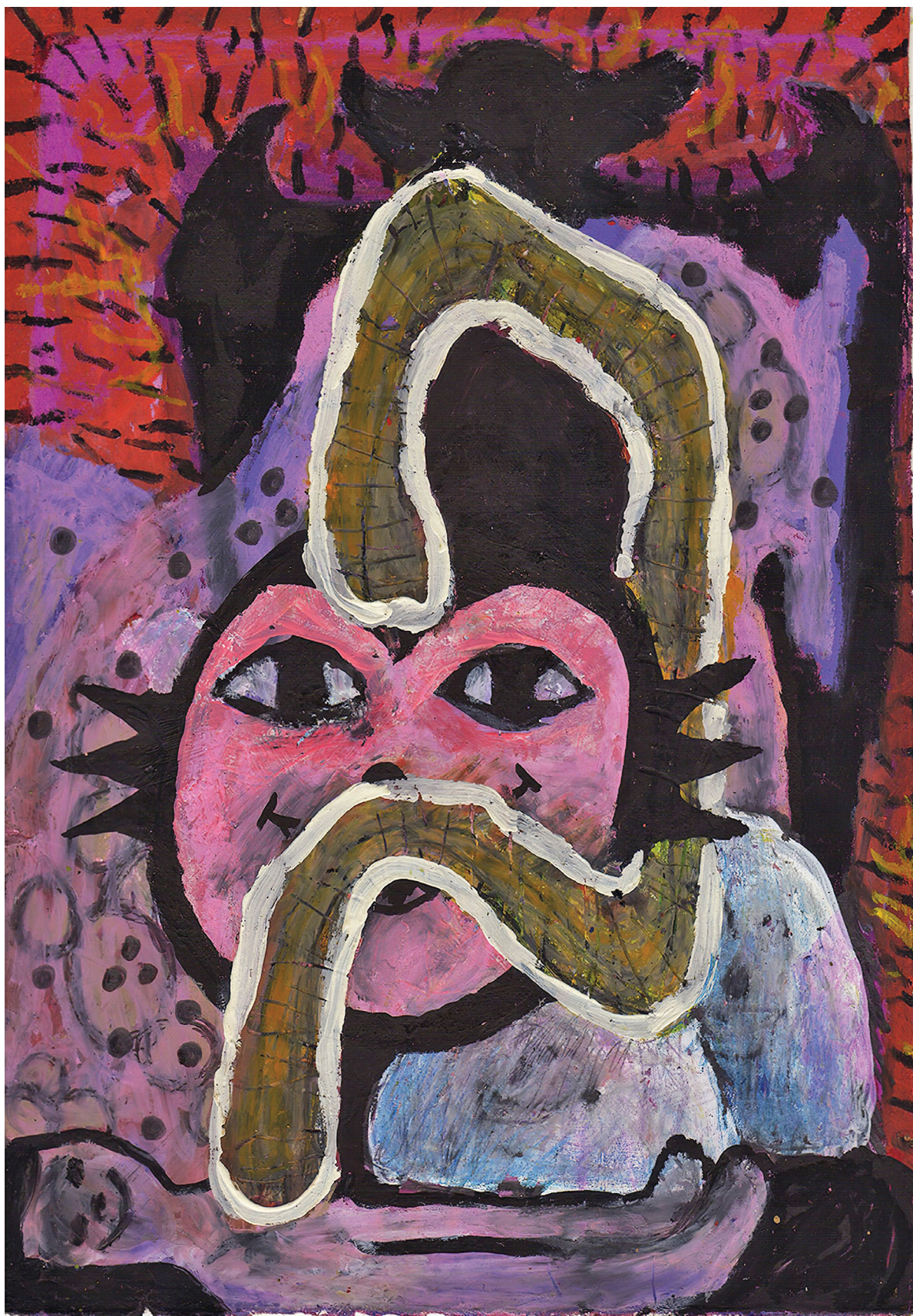
*Imagem 16 - AUAUUAU, 2023, giz pastel sobre papel, 21x29,7cm*



*Fonte: Elaborado pelo autor*



*Imagem 17 - Darkside >:), 2021, giz pastel, nanquim, lápis grafite, tinta acrílica sobre papel, 15x21cm*



*Fonte: Elaborado pelo autor*



Já mencionei que o prazer é a razão primária que me impulsiona a desenhar, mas este prazer não se manifesta apenas como uma satisfação recompensadora de criar, e contemplar esta criação, e quando não se espera que os frutos deste esforço te entreguem este deleite, o prazer de desenhar surge em se perder no ato, e em você mesmo. O prazer, entendido não como um processo transacional entre você e seu trabalho criativo, tem um papel revigorante, essencial para nos colocarmos frente à situação desorientadora que é viver e lidar com o mundo (sabemos que não é banal como parece), uma pausa necessária para que possamos, depois, voltar então para a mesmice dos dias, agora com modos diferentes de ver e registrar essa mesmice. Esse prazeroso escape do desenho é definido de um ponto de vista psicológico por Jean Luc Nancy:

*“Deleuze afirma: “O prazer vem para interromper a positividade do desejo” e, portanto, é o único meio para uma pessoa ou sujeito “se recuperar” dentro de um processo que a sobrecarrega. Mas poderia-se dizer que não se trata precisamente de uma questão de “recuperar-se”; o sujeito também é sobrecarregado pelo prazer, desde que não seja procurado, pensado ou recebido como uma normativa “satisfação”. Mais exatamente, ele se supera ou é “sujeito” em e como excesso de si mesmo [ele é ‘sujeito’ como transbordamento de si].” (Tradução nossa)*

(NANCY, 2013, p. 17)

E de maneira mais poética por Paul Klee:

*“Levante-se! Dê valor aos seus passeios de verão; mudando de ponto de vista pelo menos uma vez como quem muda de ares, veja-se transportado para um mundo que lhe dá forças renovadas para o retorno inevitável ao mundo cinzento do dia de trabalho.*

*Mais ainda, isso o ajuda a abandonar o invólucro que o aprisiona e, por alguns instantes, sentir-se Deus; alegrar-se novamente com festas e celebrações, nas quais a alma se dirige à mesa posta para nutrir seus nervos famintos, para encher de novas seivas as suas veias entorpecidas.*

*Deixe-se levar por esse mar fortalecedor, por rios largos ou por lagos encantadores, como os da arte gráfica aforística e cheia de ramificações.”*

(KLEE, 2019, p. 224)

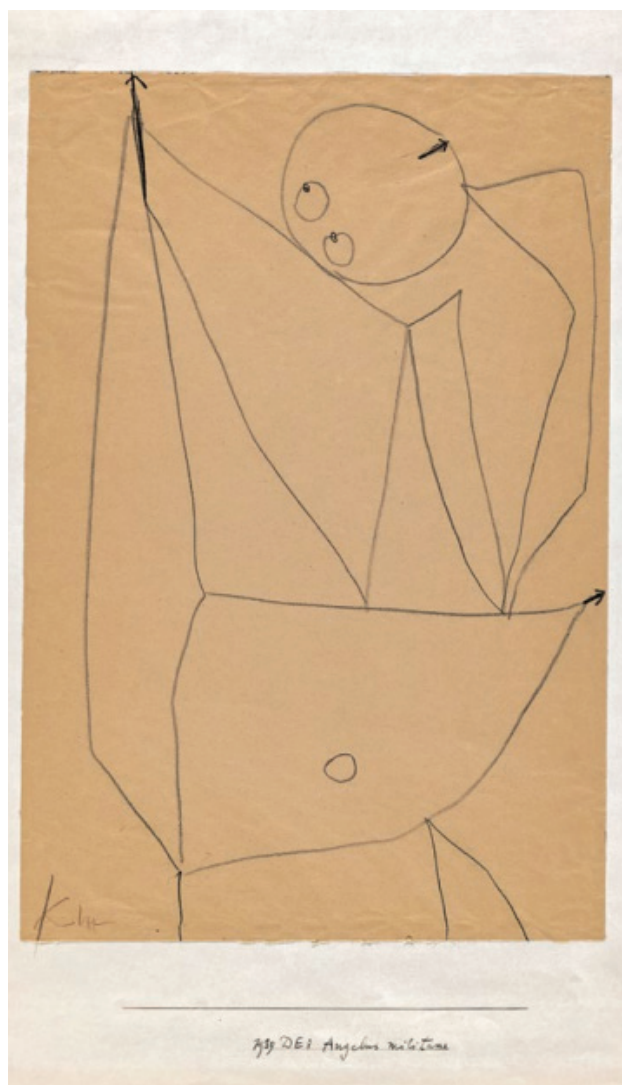
Ambos frisam a importância de “se deixar levar” pelo processo, pelo excesso de estímulos e emoções. De novo, vemos como o desenho brilha em uma quebra com a racionalidade e em diálogo constante com o acidental e o fortuito.



*Imagem 18*  
- Paul Klee,  
*Queda*, 1933,  
pincel sobre  
papel cartão,  
31x47,5cm



*Imagem 19*  
Paul Klee,  
*Angelus militans*,  
1928, Giz sobre  
papel cartão,  
44x30cm



*Fonte das imagens 18 e  
19: Catálogo Paul Klee -  
Equilíbrio Instável*

*Imagem 20 - Pinos, 2022, tinta acrílica sobre papel, 15x21cm*



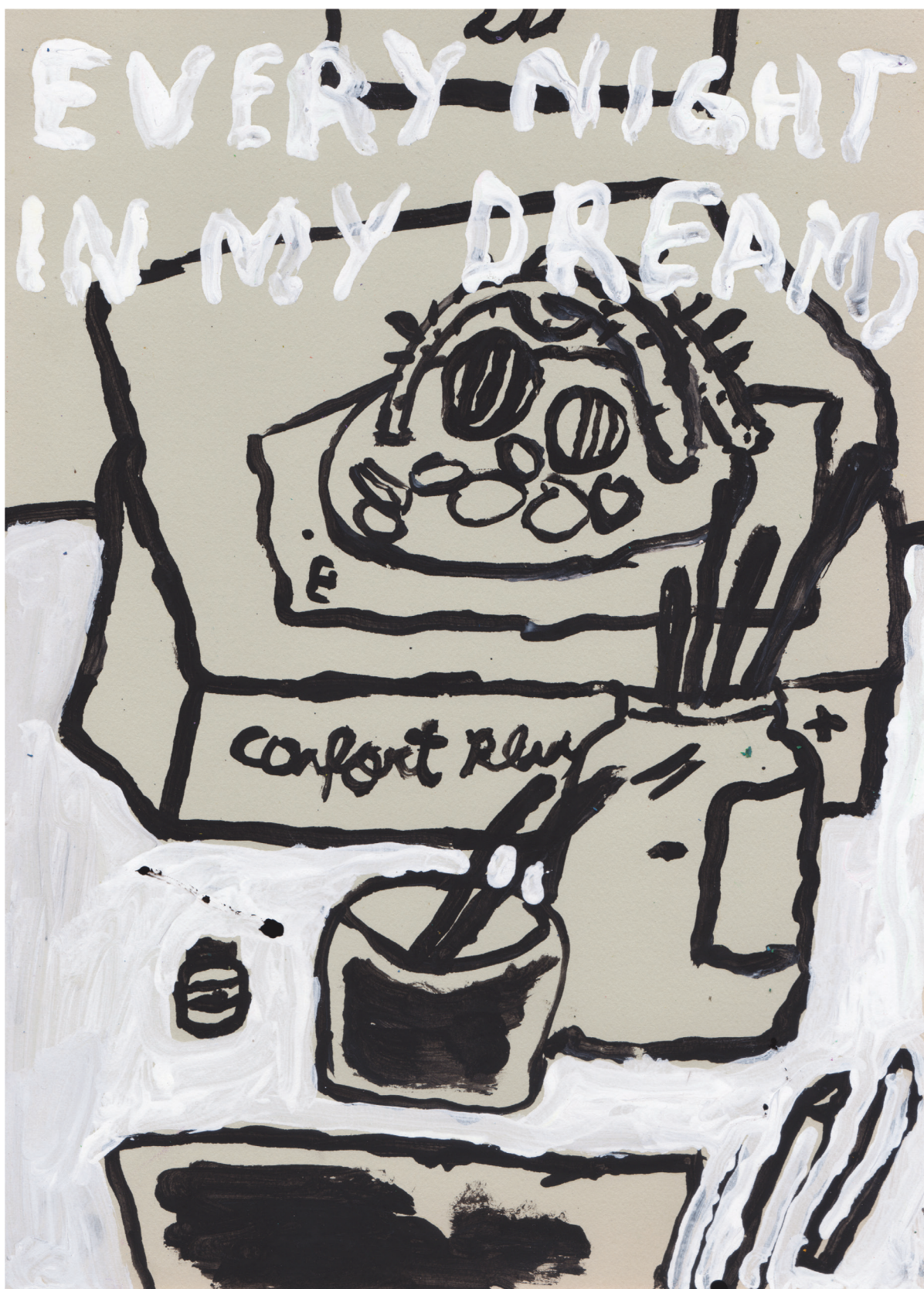
*Fonte: Elaborado pelo autor*



Não quero, porém, com minha devoção animalesca, parecer que entendo meus desenhos como flashes vindos do além, que passam por mim como raios e se escoram como espectros no papel, pelo contrário. O desenho é uma possibilidade humana, e a disposição obsessiva em relação a ele da qual compartilho não é exclusiva de artistas malucos, e sim um comportamento muito comum entre crianças pequenas, que nossos sistemas educacionais acabam por desencorajar em sua maior parte, conforme essas crianças crescem. A insistência em desenhar permanece em alguns, mas não por isso a construção de seus desenhos se torna mais inalcançável ou valiosa. Para entendermos melhor os mecanismos de construção do desenho, trago algumas reflexões vindas de brent e marjorie wilson em seu texto “Uma visão iconoclasta das fontes de imagem nos desenhos das crianças”. Nele, os pesquisadores afirmam que todo desenho que se propõe a representar algo da realidade, o que está sendo retratado é na verdade um signo representacional, aprendido não por observação da vida diretamente, mas por observação de outros signos representacionais (desenhos). O desenho de observação se realiza portanto a partir de adaptações feitas aos signos representacionais, conforme estes não condizem com o objeto específico sendo retratado. Por exemplo, ao sermos apresentados com uma cadeira para desenhar, começamos por observar-la, acessamos diferentes cadeiras desenhadas guardadas em nossas memórias e, então, iniciado o processo de desenho, a imagem vai aos poucos sendo construída, a partir da correção de “erros” que distanciam a cadeira vista da cadeira mental. Quanto mais cadeiras representadas bidimensionalmente um indivíduo vê (e tenta desenhar), mais facilidade ele terá de desenhar qualquer tipo de cadeira que você o desafiar. Este ato, de rapidamente modificar o desenho do plano das ideias para um desenho não previamente planejado, é como surgem novos signos representacionais, são formas geradas pelo indivíduo que, mesmo a partir de uma fonte, através de suas mutações, são particulares a ele. Mas, e se não temos uma representação naturalista de nada específico em mente ao desenhar? Os “erros”, pontos em que o desenho se distancia do desejado, podem guiar o processo todo, ditando como devemos seguir para incorporar esses deslizos no conjunto de traços e massas, deixando espaço para a criação de múltiplos novos jeitos de desenhar, traçar e representar. A cadeira errada pode se tornar uma nova cadeira, mas pode também se tornar uma ponte, um carro, um cachorro, um rabisco violento, qualquer coisa.



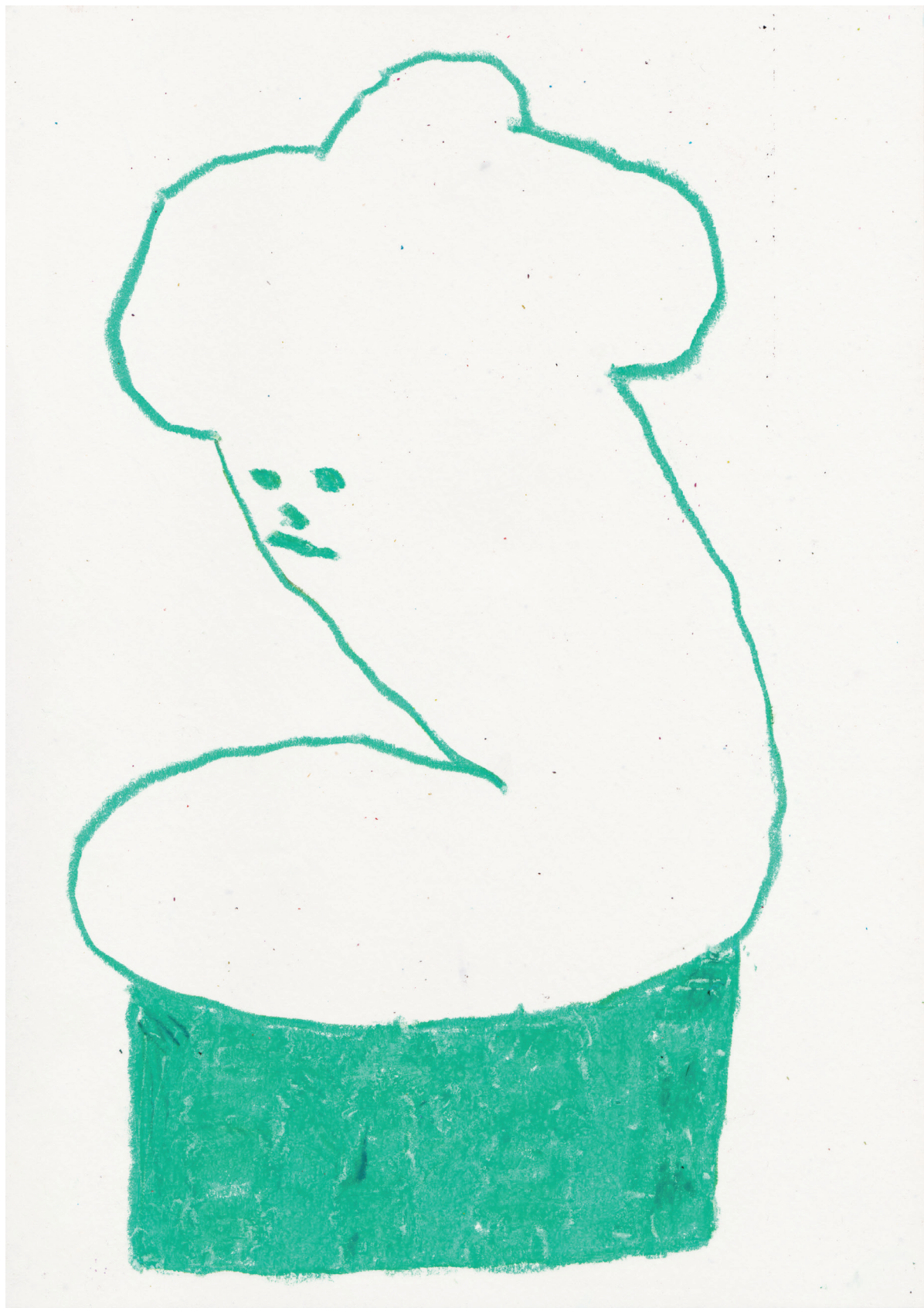
Imagem 21 - In my dreams 1, 2022, tinta guache sobre papel, 21x29,7cm



Fonte: Elaborado pelo autor



*Imagem 22 - Estátua, 2023, giz pastel sobre papel, 21x29,7cm*



*Fonte: Elaborado pelo autor*



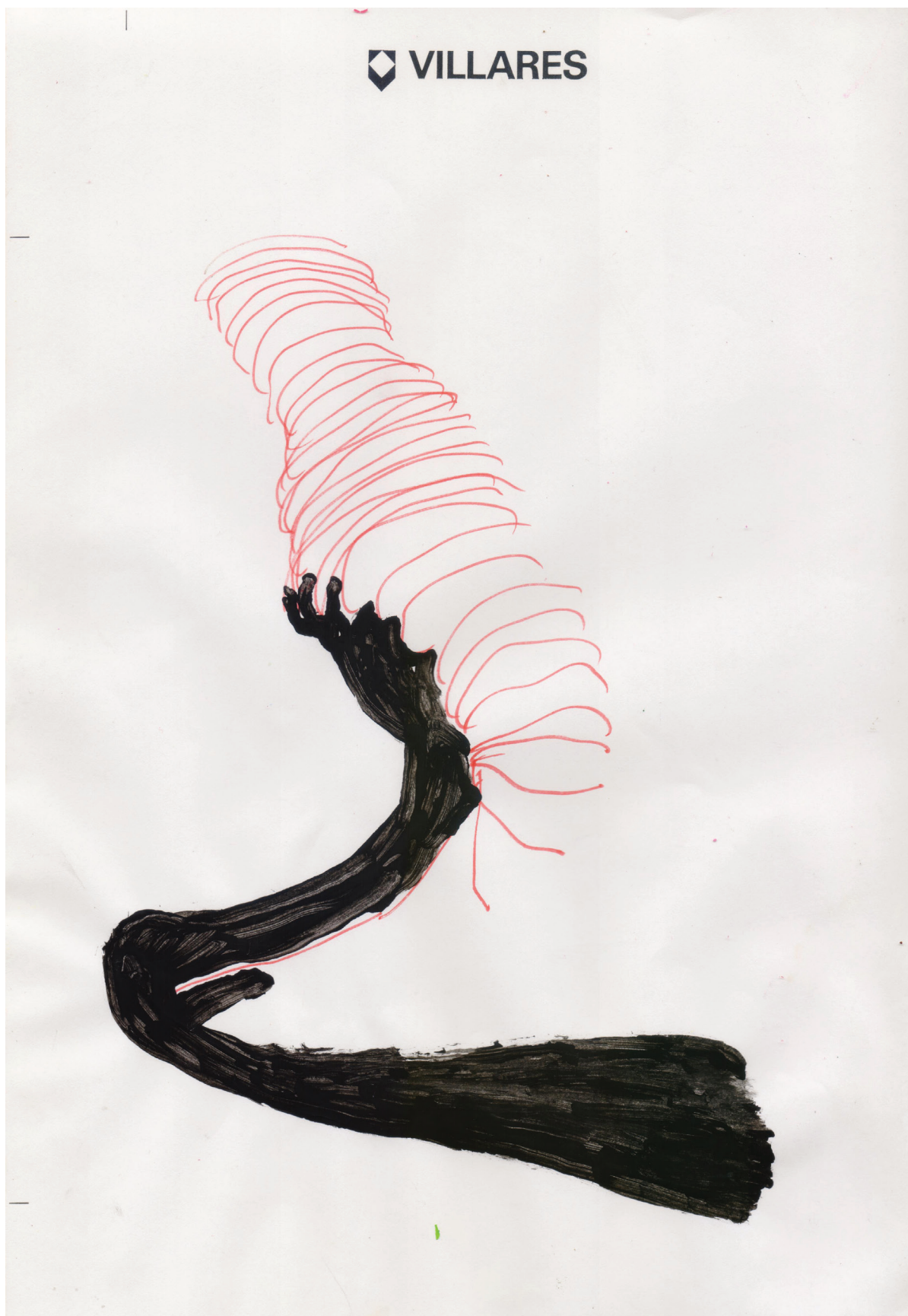
*Imagem 23 - Sem óculos na grade, 2021, giz pastel e tinta acrílica sobre papel, 21x29,7cm*



*Fonte: Elaborado pelo autor*



*Imagem 24 - Mancha 2, 2023, caneta hidrográfica e tinta acrílica sobre papel, 21x29,7cm*



*Fonte: Elaborado pelo autor*



*Imagem 25 - Fim de festa, 2023, giz pastel, giz de cera e tinta acrílica sobre papel, 21x29,7cm*



*Fonte: Elaborado pelo autor*



*Imagem 26 - Violência, 2022, giz pastel sobre papel, 21x29,7cm*



*Fonte: Elaborado pelo autor*





***3. hahahaha!!!***



*Imagem 27 - Palhaço chora, 2023, caneta hidrográfica e tinta acrílica sobre papel, 21x29,7cm*



*Fonte: Elaborado pelo autor*

Citei previamente a capacidade do desenho de não ser levado a sério como uma de suas forças, e como essa característica me é querida e move minha produção. Aqui, procuro traçar caminhos para uma arte desengonçada, engraçada, besta e ridícula. O desejo de ser levado a sério é o que leva muitas vezes a reproduções engessadas daquilo que já é aceito e comprovado, afinal o que configura esta seriedade? Como estes parâmetros foram definidos? E por quem? Certamente, medidas baseadas em valores conservadores, pensadas por indivíduos sérios, eruditos, não me importam. Isso não significa que não dou importância para o que faço, pelo contrário, levo muito a sério, não ser levada a sério. A imensa gama de experiências estéticas que uma obra pode nos trazer não pode ser categorizada entre as válidas e as não válidas; o que nos faz rir ou chorar muitas vezes se mistura, o bobo e o sublime a exata mesma coisa.

*Imagem 28 - Caco,  
o sapo, cantando  
“Rainbow  
connection”, 1979*



*Fonte:  
Site VanityFair*

*Imagem 29 -  
Gerhard Richter,  
Laughman, 1967,  
óleo sobre tela,  
45x35cm*

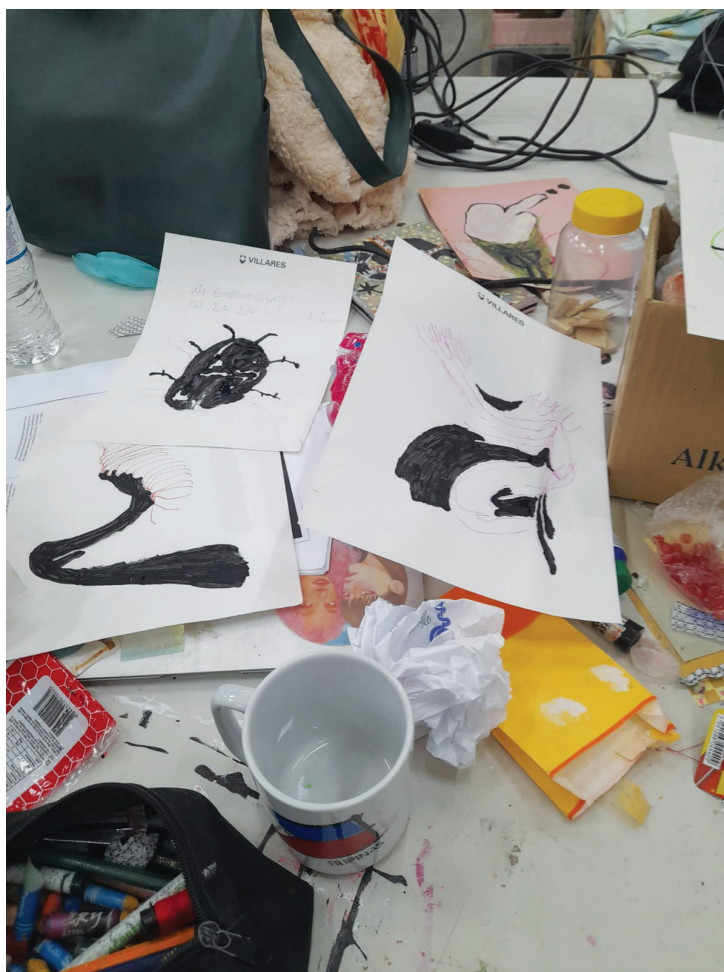


*Fonte:  
gerhard-richter.com*



Em seu texto “*White elephant art vs Termite Art*”, Manny Farber descreve duas propostas de fazer artístico. Uma delas visa Uma Grande Obra de Arte, uma atitude que pretende criar algo duradouro, alcançar algum pico de genialidade dentro da história da arte, pensa em um resultado unificado, raro como um elefante branco. A outra é um fazer a partir de uma imersão completa sem propósito ou direção, preocupado principalmente com suas barreiras imediatas, realizando algo e momentos depois roendo outro lugar, para sempre, como um cupim. É o entendimento de que tudo pode ser jogado fora e picotado e reunido de volta de novas formas a todo momento, e tudo bem se der tudo errado - você fez o pior trabalho de arte do mundo, é só fazer outro. Esta posição cupinesca não necessariamente resulta em trabalhos humorísticos, mas o acolhimento deste processo incessante, que não sabe bem o que está fazendo, pode dar vazão para o surgimento de incongruências engraçadas, que seriam, talvez, polidas para fora do trabalho se o objetivo fosse outro.

*Imagem 30 - Desenhos na mesa do ateliê, 2023*



*Fonte: Elaborado pelo autor*

*Imagem 31 - Vida Ruim, 2021, giz pastel sobre tela reutilizada, 40x50cm*



*Fonte: Elaborado pelo autor*



*Imagem 32 - Portal!!!!, 2021, giz pastel, tinta acrílica e lápis grafite sobre papel, 17x25cm*



*Fonte: Elaborado pelo autor*



Imagem 33 - Desejo e morte1, 2023, caneta esferográfica sobre papel, 15x21cm



Fonte: Elaborado pelo autor

De acordo com Bataille, o riso não pode nunca ser totalmente compreendido, pois é do desconhecido, dos mistérios e absurdos da vida, que rimos. Posicionando a risada como tendo tantas dimensões e importância quanto qualquer outra grande questão filosófica, o autor nos apresenta a possibilidade de rir, não como apenas um deboche maldoso, irônico, mas como uma ferramenta de conexão com o mundo. A quebra com o esperado que o riso traz, seu elemento surpresa, que nos possui de forma descontrolada, nos lembra de nossa própria fragilidade humana, nossas reações involuntárias, que nos leva a nosso aspecto involuntário e imutável principal - a morte. Sinto, então, que existe sempre algo do riso em meio a um processo de criação em constante diálogo com o desconhecido, o fazer que se descobre enquanto faz ri muito de si mesmo pelo caminho, da morte e de sua condição enquanto coisa, em um mundo de coisas sem sentido.



Imagem 34 - Panties 1, 2022, giz pastel sobre papel, 21x29,7cm



Fonte: Elaborado pelo autor



Imagem 35 - Panties 2, 2022, giz pastel sobre papel, 21x29,7cm



Fonte: Elaborado pelo autor



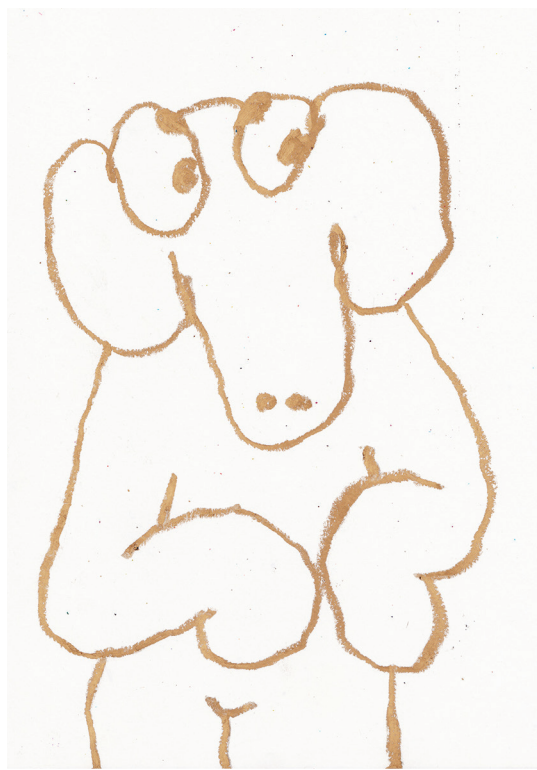
E obras de arte são isso mesmo, coisas no mundo, não apenas comentários ou análises sobre o mundo. O conhecimento que obtemos ao interagir com arte não é o mesmo que obtemos ao aprender um fato sobre a circunferência da terra, ou quando aprendemos o que é certo ou errado; é algo mais impalpável, uma experiência de contemplação que nos dá a impressão de conhecimento, de ter vivido um fenômeno, que nem sempre pode ser provado por  $a + b$ . Não me proponho a produzir para além deste âmbito, nem tentar explicar minuciosamente o porquê desta produção, como se houvesse uma explicação, clara e concisa. Até podem existir algumas, mas eu não quero saber, e se soubesse não ia te falar.

*Imagem 36 - Philip Guston, Head, 1977, óleo sobre tela, 17,6x21,5cm*



*Fonte: moma.org*

*Imagem 37 - Elefante vergonha, 2022, giz pastel sobre papel, 21x29x7cm*



*Fonte: Elaborado pelo autor*

Existir fisicamente em um corpo humano é, em si, uma fonte constante de comédia, é desconfortável, por vezes asqueroso, e nunca o que pensamos que deveria ser, preso a intermináveis ditos sociais relacionados a peso, raça e performance de gênero. Seu funcionamento segue, desengonçado, nos confrontando com nossos instintos, tesão e fragilidades, a todo momento. A produção artística de um corpo ciente deste confronto só pode ser tão desengonçada quanto ele, principalmente uma que deixa claro as oscilações corporais, seus humores, os sinais humanos em seus desdobramentos. Esse desconforto se torna, assim, um critério para o trabalho, partes que se espremem e não se encaixam totalmente, uma esquisitice familiar, desequilíbrio de extremos.



*Imagem 38 - Dream Boy, 2023, tinta acrílica, pastel oleoso, lápis grafite, cola dimensional, biscoito e miçangas sobre tela, 24x18cm*



*Fonte: Elaborado pelo autor*



*Imagem 39 - Amor com os senhores, 2022, lápis grafite sobre papel, 21x29,7cm*



*Fonte: Elaborado pelo autor*



*Imagem 40 - Catgirl baba, 2021, tinta guache, acrílica, nanquim, biscoit e papel machê sobre tela, 40x40cm*



*Fonte: Elaborado pelo autor*



Imagem 41 - Me animei, 2023, giz pastel e tinta acrílica sobre papel, 21x29x7cm



Fonte: Elaborado pelo autor



*Imagem 42 - Floresta, 2023, giz pastel sobre papel, 21x29x7cm*



*Fonte: Elaborado pelo autor*



*Imagem 43 - Cupido, 2022, tinta guache, tinta óleo e cola dimensional sobre tela, 50x50cm*



*Fonte: Elaborado pelo autor*





#### ***4. formas de formas de bichos***



*Imagem  
44, 45 e 46  
Rata, 2020*



*Fonte:  
Elaborado  
pelo autor*

A fixação por estas desconfortáveis formas desenhadas leva a fixação pelas formas possíveis, a partir de meu próprio corpo. De que maneira posso me tornar como um desenho, traduzi-los para um campo tridimensional, que afeta diretamente todos os meus sentidos? Ser uma forma que sugere outras, abraçando o corpo como comédia, patético em suas partes desconjuntadas, buscando algo que transcende gênero e pressões estéticas. Estes corpos estranhos surgem em minha produção a partir de meu fascínio e identificação pela experiência e comunidade *Furry*, um termo amplo que designa um grupo de pessoas que se interessa por animais antropomórficos, retratando-os em diversos meios artísticos e frequentemente se vestindo como tais, em espécies de roupas de mascote das mais variadas criaturas.



*Imagem 47 e 48 - Fursuiter Boomer the Dog, vestindo sua fursuit feita de papel rasgado em tiras*



*Fontes: en.wikifur.com, abcnews.go.com*

*Imagem 49 - Fursuiter anônimo em uma convenção furry, 1995*



*Fonte: confurence.com*

*Imagem 50 - Hilda the Bambioid, considerada uma das primeiras fursuits, confeccionada e modelada por Robertbear, 1988*



*Fonte: confurence.com*

*Furries* entendem que o corpo humano como nos é dado não basta como limite de nossa representação, e se desdobram para as possibilidades sensoriais do mundo animal para compor suas novas peles e personas. O escape proporcionado por este imaginário ressoa com aqueles que já sentiram profundo desconforto social frente sua existência corpórea, menos humanos que aqueles que parecem interagir confortavelmente com o mundo, como se entendessem de forma inerente suas normas. A vontade é de rasgar a pele, se tornar fumaça, se desvencilhar por completo de sua forma física, mas ser um peculiar bicho felpudo pode, por vezes, ser o suficiente.



*Imagem 51 - Processo de criação de máscara de cachorro/raposa/coiote, 2021*



*Fonte: Elaborado pelo autor*

*Imagem 52 - Vestindo máscara de cachorro/raposa/coiote na praia, 2021*



*Fonte: Elaborado pelo autor*



Porém, as roupas de mascote que produzo e performo não são personagens que representam elementos nem exatamente humanos, nem exatamente animais. Assim como desenho sem buscar a realidade em minhas figuras, que flertam com a abstração, essas peças vestíveis buscam algo similar, uma sensação de bicho, coisa, criatura, que não reflete a natureza, mas nos remete a algo dela - chifres, patas, pernas peludas, contornos de grandes orelhas. Se algo, refletem o imaginário extenso de criaturas antropomorfizadas sempre presentes em nossas infâncias, de ratos à cachorros, à esponjas, à carros; porém, aparecem digeridos e amassados, como se, em vez dos seres em si, sobrassem apenas registros de má qualidade, detonados pelo tempo, como referência. E só precisamos da sugestão de um rosto para nossa mente humana gerar simpatia por algo, e estamos constantemente vendo rostos em objetos inanimados, muros, sanduíches, máquinas. Tento manter algo desta pulsão, de ver e desenhar rostos nas coisas e gerar empatia, por esses seres, que não precisam ser, de fato, nada especificamente animal, para serem “bichos”.

*Imagem 53 - Registro de performance Sem título (Bichão), 2023*



*Fonte: Elaborado pelo autor*



*Imagem 54 - Carinha no quarto, 2021*



*Fonte: Elaborado pelo autor*

O processo de criação dessas peças é geralmente mais demorado do que o processo de criar um desenho ou uma pintura, e requer um preparo maior, embora não sejam projetadas com muitos detalhes, antes do início da ação. Mantendo o final sempre relativamente em aberto, trabalho de forma bastante parecida com minhas outras produções, me deixando surpreender, acolhendo erros, pensando com as mãos, errando mais ainda, errando muito mesmo. É importante para o trabalho que as peças sejam feitas inteiramente por mim, mesmo resultando em estruturas capengas, tortas e não duradouras (não tenho o mesmo tempo de experiência neste fazer que tenho em outros), pois já é nesse processo que sua personificação se inicia, aos poucos adquirindo vida própria em suas especificidades. Buscar uma estética profissional/industrial não faria nenhum sentido dentro da precariedade de onde surgem esses trabalhos, construídos de materiais que já possuo à minha disposição como jornal, fita crepe, arame e cola e, como acontece com o resto de minha produção, nunca me preocupo com sujeira ou falta de refinamento.



*Imagem 55 - Elefantinho, 2022*



*Fonte: Elaborado pelo autor*



*Imagem 56 - Montanha azul, 2022*



*Fonte: Elaborado pelo autor*



*Imagem 57 - Bas Jan Ader, Broken fall  
(Geometric), 1971*



*Fonte: moma.org*

Após finalizados, chega o momento de habitar estes corpos-desenho e descobrir como cada um se move e se comporta, em ambientes públicos e privados. Uso essas oportunidades para agir de formas que me parecem instintivas, que não me permitiria agir fora desse contexto, tento obedecer o que meu corpo me pede para fazer, sem nenhum motivo para me conter, já que não sou mais exatamente eu. Esses movimentos são por vezes contidos, por vezes violentos, sempre um pouco engraçados e exagerados, me vejo em meio a uma comédia pastelão e um filme de fantasma. Recrio o clássico acidente humorístico - tropeçar e cair no chão - de novo e de novo, com prazer catártico, me ferindo, relegando o meu corpo, e rindo disso.

*Imagens 58 - Stills de Donald O'Connor performando "Make Em' Laugh" no  
filme "Cantando na Chuva", 1952*



*Fonte: Turner Classic Movies no Youtube*

*Imagens 59 e 60 - Stills de Isabelle Adjani atuando no filme  
“Possessão”, 1981*



*Fontes: seventh-row.com, filmgrab.com*

O medo do ridículo se torna um desejo por ele, e em executar esse desejo/medo, os movimentos expansivos e inadequados demandam respeito do público e de si próprio. Levamos a sério a palhaçada. A interação com o mundo, distorcida pelas camadas de tecido e papel machê que recobrem o meu corpo, não me é tão mais estranha que a realidade sem ela, inclusive se torna por vezes mais lógica, o desconforto se externaliza, torna-se claro e visível, e com isso se instaura uma tranquilidade, que me torna compreendida, ao menos nesta instância performativa.



*Imagem 61 - Registros de performance realizada na FUNARTE vestindo o “Carinha”, 2023*



*Fonte: Elaborado pelo autor*



*Imagem 62 - Registros de performance realizada na FUNARTE vestindo o “Carinha”, 2023*



*Fonte: Elaborado pelo autor*



*Imagem 63 - Registros de performance realizada na FUNARTE vestindo o “Carinha”, 2023*



*Fonte: Elaborado pelo autor*

Sempre criei intensos vínculos de intimidade no momento de criação e convívio com desenhos, pinturas e esculturas, e acabo estreitando esse vínculo ao me esforçar em me tornar uma de minhas criações, imaginando como seria estar do outro lado deste processo. As coisas que eu faço me fazem companhia e eu tento fazer companhia para elas também.

*Imagem 64 - Still do vídeo “Fanfic”, 2021*



*Fonte: Elaborado pelo autor*

*Imagem 65 - Amigos dando sorvete na boca do “carinha”, 2023*



*Fonte: Elaborado pelo autor*



*Imagem 66 - Elefantinho e carinha posam juntos, 2021*



*Fonte: Elaborado pelo autor*

## ***5. considerações finais***



*Imagem 67 - Palhacitos, 2022, tinta acrílica e giz de cera sobre papel, 21x29x7cm*



*Fonte: Elaborado pelo autor*



No início da elaboração deste trabalho, fui encorajada pela minha orientadora, Renata Pedrosa, a escrever sobre minha própria produção. A princípio, apresentei alguma resistência, acreditando que não havia conteúdo suficiente para ser discutido, ou que eu não conseguiria dissertar sobre a minha produção. Ao começar a pesquisa, percebi como era natural relacionar os textos lidos com a minha prática, que já ocupa um espaço considerável e recorrente na minha cabeça, e como, a partir dessa relação, surgiam outros temas que precisavam ser pesquisados. A elaboração do texto foi sendo construída a partir da descoberta do que considerava importante para minha produção, sendo, assim, um exercício muito pragmático e interessante, tanto no que concerne a minha prática artística, quanto na esfera pessoal. Meu desconforto em falar sobre minha produção foi, aos poucos, se apaziguando, na medida que certos conceitos se tornavam mais claros, e que me sentia mais apoderada da linguagem escrita. Na minha experiência, desenhar sempre foi bem mais fácil do que escrever, e fazer um desenho legal é sempre melhor do que escrever sobre ele. Meu medo era me explicar demais, diminuir o trabalho com meu uso grosseiro de palavras, sendo assim, busquei focar em meu processo e considerações sobre a criação, por meio de afinidades com outros artistas e pensadores.

No processo de escrita fui capaz de estruturar melhor os pensamentos que já flutuavam disformes em minha mente, dando a eles um certo corpo e importância. Através da descoberta de literatura que expressa questões similares às que eu penso enquanto trabalho, passei a valorizar mais meu processo, e entender que “não saber o que eu estou fazendo” na verdade contém outras formas de saber.

Realizar este trabalho me abriu novas possibilidades de entendimento de minha produção e, à medida que produzir muito mais, descobrirei as consequências de toda essa reflexão, e é isso que pretendo continuar fazendo.





## *referências*

- ARTIGAS, Villanova. **O Desenho**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, (3), 23-32, 1968
- BATAILLE, Georges, and Annette Michelson. **Un-Knowing: Laughter and Tears**. October, (36), 89–102, 1986
- BORDUN, Troy M. Georges Bataille, **Philosopher of Laughter**. 2013 - Trent university disponível em: <https://ir.lib.uwo.ca/cgi/viewcontent.cgi?article=1000&context=mllgradconference>
- DERDYK, Edith. **Disegno, Desenho, Designio**. São Paulo: Senac, 2007.
- EGGELHÖFER, Fabienne (org) . **Paul Klee - Equilíbrio Instável**. São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil, 2019 (catálogo de exposição)
- FARBER, Manny. **White Elephant vs. Termite Art**. em Negative Space: Manny Farber on the Movies, Nova York: Da Capo Press, 1998.
- FOSTER, Hal. **The Anti-Aesthetic: Essays on Postmodern Culture**. Port Townsend, WA: Bay Press, 1983.
- FOSTER, Hal. **O Retorno do Real**. São Paulo: Ubu editora, 2017.
- HALBERSTAM, Jack. **The Queer Art of Failure**. Durham, NC: Duke University Press, 2011.
- KLEE, Paul. **Paul Klee: Creative Confession and Other Writings**. Berkeley: University of California Press, 2003.
- NANCY, Jean-Luc. **The Pleasure In Drawing**. Nova York: Fordham University Press, 2013
- SILLMAN, Amy. **Faux Pas: Selected Writings And Drawings** (expanded edition). 2.ed. Paris: After 8 Books, 2023.
- SONTAG, Susan, **Against Interpretation, and Other Essays**. New York: Farrar, Straus & Giroux, 1966.
- WILSON, Marjorie, Wilson, Brent. **Teaching Children To Draw**. Worcester, MA, Davis Publications, 2010









PALMAS E APPLA  
USOS E GRITOS  
ELOGIOS UMA F  
ESTA SÓ PARA  
VOCÊ

